



Memórias do Subsolo

FIÓDOR
DOSTOIÉVSKI

Veríssimo

Memórias do Subsolo

FIÓDOR
DOSTOIÉVSKI

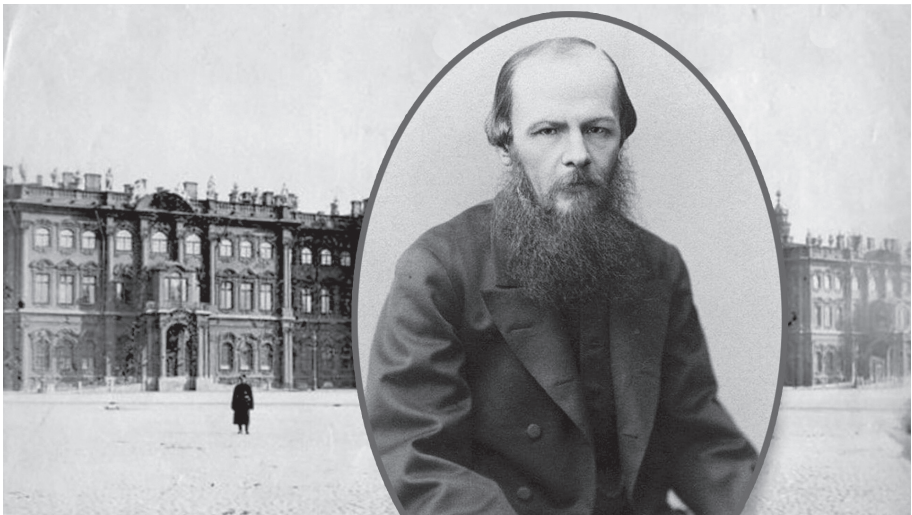
Tradução Studio Libras e Letras

Veríssimo

PREFÁCIO HISTÓRICO¹:

Dostoiévski e as memórias do subsolo de São Petersburgo (1864)

Memórias do Subsolo, publicada em 1864 na revista *Época*, que o próprio Dostoiévski editava com o irmão Mikhail, marca o início da fase madura e mais profunda do autor. É uma das obras mais perturbadoras e influentes da literatura moderna — um mergulho sem concessões na psicologia do “homem do subsolo”, o primeiro grande anti-herói da ficção contemporânea, precursor direto do existencialismo do século XX. Escrita na forma de confissões fragmentadas de um narrador anônimo, amargo e hiperconsciente, a novela divide-se em duas partes: a primeira, um monólogo filosófico corrosivo; a segunda, episódios de sua vida em São Petersburgo.



Fiódor Dostoiévski diante de uma imagem da São Petersburgo do século XIX.

-
- 1 Prefácio histórico elaborado com base em fontes em domínio público, incluindo a tradução e introduções de Constance Garnett (1918), biografias antigas de Dostoiévski e descrições históricas da São Petersburgo do século XIX.

Dostoiévski compôs esta obra em um dos períodos mais sombrios de sua existência. Aos 43 anos, ele havia retornado do exílio siberiano (1850 – 1859), onde cumpriu pena de trabalhos forçados após a condenação no Caso Petrashevski². Em 1864, perdeu a primeira esposa, Maria Dmitrievna, e o irmão Mikhail, além de enfrentar dívidas esmagadoras e crises epilépticas. Foi nesse contexto de dor pessoal e financeira que ele polemizou ferozmente com as ideias radicais da *intelligentsia* russa,³ especialmente com o romance utópico *Que Fazer?* (1863), de Nikolai Tchernichevski, que defendia o racionalismo, o utilitarismo e a possibilidade de uma sociedade perfeita baseada no interesse próprio esclarecido. Dostoiévski via nessas ideias uma ameaça à liberdade humana e à complexidade da alma.



Dostoiévski em 1863, um ano antes da publicação de *Memórias do subsolo*. A obra marcaria uma inflexão em sua trajetória literária, antecipando temas psicológicos e filosóficos que seriam aprofundados em romances como *Crime e castigo* e *Os irmãos Karamázov*.

- 2 O Caso Petrashevsky refere-se à prisão e condenação em 1849 de um grupo de intelectuais progressistas liderados por Mikhail Petrashevsky em São Petersburgo, Rússia. Famoso por incluir o escritor Fiódor Dostoiévski, o caso ficou conhecido pelo falso fuzilamento dos membros, que foram perdoados pelo czar momentos antes da execução.
- 3 A *intelligentsia* russa refere-se a uma camada social e intelectual do século XIX e início do século XX, composta por pessoas instruídas e engajadas na transformação social. Crítica do Estado czarista e da servidão, destacou-se pelo ativismo político e pelo profundo desejo de modernizar e ocidentalizar a Rússia.

Contexto histórico de 1864

A Rússia vivia os primeiros anos do reinado de Alexandre II, o “Tsar Libertador”. A emancipação dos servos em 1861 havia sido um marco, mas gerou descontentamento tanto entre os camponeses quanto entre a nobreza. A modernização acelerada, a influência crescente das ideias ocidentais (socialismo utópico, niilismo, materialismo) e a tensão entre eslavófilos e ocidentalistas criavam um clima de efervescência intelectual. São Petersburgo, como capital burocrática e “janela para a Europa”, concentrava esses contrastes: palácios grandiosos ao lado de porões úmidos, ruas planejadas e uma multidão de pequenos funcionários, estudantes radicais e marginalizados.



São Petersburgo, vista do chamado Pequeno Canal, em cartão-postal antigo. Recortada por canais, pontes e ruas úmidas, a cidade imperial forma o cenário opressivo e contraditório em que se move o narrador de *Memórias do subsolo*.

Dostoiévski, que participara de círculos utópicos na juventude e pagara caro por isso, usou *Memórias do Subsolo* para atacar o otimismo racionalista. O narrador ridiculariza a ideia de que $2+2=4$ possa governar a vida humana: o homem, segundo ele, prefere muitas vezes a liberdade caprichosa, mesmo que destrutiva, à felicidade garantida pela razão. É uma sátira feroz e uma defesa da irracionalidade essencial da natureza humana.

São Petersburgo como personagem

A cidade não é mero cenário: é um personagem opressivo e artificial. Fundada por Pedro, o Grande, sobre pântanos, São Petersburgo era vista como uma criação forçada, europeia demais para a Rússia, racional demais para a alma eslava. Canais, neblina, neve derretida e porões escuros compõem uma atmosfera claustrofóbica que espelha o isolamento psicológico do narrador. Dostoiévski transforma a cidade em símbolo da alienação moderna: um espaço “intencional” e teórico, onde o indivíduo se sente esmagado pela burocracia, pela multidão e pela própria consciência.



Canal em São Petersburgo, registrado em cartão-postal antigo.

O “subsolo” é ao mesmo tempo literal — os apartamentos úmidos e baratos dos bairros periféricos — e metafórico: o submundo da mente, onde o homem se refugia para ruminar seus rancores, humilhações e paradoxos.

O tipo do “Homem do Subsolo”

O narrador é o protótipo do herói dostoiévskiano: hiperconsciente, rancoroso, orgulhoso em sua degradação, incapaz de agir apesar de sua inteligência. Ele odeia a sociedade, mas precisa dela para afirmar sua existência; despreza a si

mesmo, mas saboreia essa autopunição. É o homem que vive mais na fantasia e no ressentimento do que na realidade, antecipando figuras como Raskólnikov (*Crime e Castigo*), *O Idiota* e Ivan Karamázov (*Os irmãos Karamázov*).

Dostoiévski critica aqui o romantismo ingênuo, o racionalismo iluminista e o nascente niilismo. Ao mesmo tempo, revela compaixão: por trás da maldade e do cinismo, há um ser humano ferido, sedento de conexão genuína (como no encontro com Liza na segunda parte).



Mstislav Dobujinski, *Fortaleza de Pedro e Paulo*, 1923. Litografia do álbum *Petersburgo em 1921*, no qual o artista registrou a capital russa transformada pelos anos de revolução e guerra. Vista do rio Neva, a fortaleza permanece monumental sob um céu turbulento, enquanto embarcações, mastros e fumaça revelam uma cidade ainda em movimento.

Memórias do Subsolo continua poderoso porque diagnostica males que só se agravaram na modernidade: isolamento urbano, hiperconsciência paralisante, crise de valores e a tentação do ressentimento. Não oferece soluções fáceis nem consolo, oferece verdade incômoda. É, nas palavras do próprio autor, um retrato de “um dos representantes de uma geração ainda viva”.



Mapa de São Petersburgo desenhado por William Barnard Clarke e gravado por Benjamin Rees Davies, 1834. O plano evidencia a geografia insular da capital russa, organizada em torno dos diferentes braços do rio Neva.

Esta edição, com nova tradução e ilustrações de época, busca devolver ao leitor a atmosfera sombria e poética da Petersburgo de 1864, enriquecendo a experiência sem interferir na força bruta do texto.

O Editor

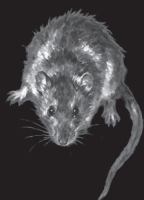
NOTA DO TRADUTOR

Traduzir *Memórias do Subsolo* de Dostoiévski é um mergulho na consciência fragmentada, irônica e autoflagelante de um dos maiores psicólogos da literatura universal. Mantive fielmente a voz paradoxal do narrador anônimo — seu ritmo febril, o sarcasmo amargo, a musicalidade nervosa das frases e a profundidade filosófica que faz da obra um marco do modernismo. Ao mesmo tempo, busquei um português brasileiro contemporâneo, rico, fluido e cativante, capaz de seduzir tanto o leitor comum quanto o acadêmico exigente de 2026 em diante. Evitei arcaísmos desnecessários, mas preservei o “sabor russo” nas construções sintáticas e no tom confessional. As notas de rodapé, generosas, mas concisas, contextualizam referências históricas, culturais e filosóficas da Petersburgo do século XIX, enriquecendo a experiência sem interromper o fluxo narrativo. O resultado é uma edição fiel ao espírito de Dostoiévski e irresistível para o leitor de hoje.

NOTA DO AUTOR

O autor do diário e o próprio diário são, evidentemente, fictícios. No entanto, é claro que pessoas como o escritor destas notas não só podem, como devem existir em nossa sociedade, quando consideramos as circunstâncias em meio às quais nossa sociedade se forma. Tentei expor ao público, de forma mais clara do que se costuma fazer, um dos caracteres do passado recente. Ele é um dos representantes de uma geração ainda viva. Neste fragmento, intitulado “Subsolo”, esta pessoa se apresenta e expõe suas opiniões, e, por assim dizer, tenta explicar as causas que o levaram a aparecer e que o obrigaram a aparecer entre nós. No segundo fragmento, acrescentam-se as próprias notas desta pessoa sobre certos acontecimentos de sua vida.





PARTE I

Subsolo



I

Sou um homem doente... Sou um homem mau. Sou um homem sem atrativos. Acredito que meu fígado esteja doente. Aliás, não sei absolutamente nada sobre minha doença e nem sequer tenho certeza do que me aflige. Não consulto um médico por causa disso e nunca consultei, embora respeite a medicina e os médicos. Além disso, sou extremamente supersticioso, supersticioso o bastante para respeitar a medicina, de qualquer forma. Sou instruído o suficiente para não ser supersticioso, mas sou supersticioso. Não, recuso-me a consultar um médico por pura perversidade. Provavelmente vocês não compreenderão isso. Bem, eu compreendo. É claro que não consigo explicar exatamente quem pretendo mortificar, neste caso, com minha perversidade. Tenho plena consciência de que não posso “dar o troco” nos médicos deixando de consultá-los; sei melhor do que ninguém que, com tudo isso, estou prejudicando apenas a mim mesmo, e a mais ninguém. Ainda assim, se não consulto um médico, é por pura perversidade. Meu fígado está doente? Pois bem — que fique ainda pior!

Vivo assim há muito tempo — vinte anos. Agora tenho quarenta. Fui funcionário público, mas já não sou. Era um funcionário mau. Era grosseiro e sentia prazer nisso. Não aceitava subornos, vejam bem, por isso tinha de encontrar uma compensação nisso, pelo menos. (Uma piada pobre, mas não vou riscá-la. Escrevi pensando que soaria muito espirituoso; mas agora, vendo que só quis me exibir de forma desprezível, não vou riscá-la de propósito!)

Quando os petiçãoários vinham pedir informações à mesa onde eu estava sentado, eu rangia os dentes para eles e sentia um prazer intenso quando conseguia deixar alguém infeliz. Quase sempre conseguia. Eram, na maioria, gente tímida — é claro, eram petiçãoários. Mas, entre os arrogantes, havia um oficial em particular que eu não suportava. Ele simplesmente se recusava a ser humilde e batia a espada de um jeito repugnante. Mantive uma guerra com ele por dezoito meses por causa daquela espada. Por fim, eu o venci. Ele parou de batê-la. Isso foi na minha juventude.

Mas sabem, senhores, qual era o ponto principal da minha maldade? Ora, o ponto todo, o verdadeiro ferrão dela, estava no fato de que, continuamente, mesmo no momento de irritação mais aguda, eu tinha a vergonhosa consciência íntima de que não só não era um homem mau, como nem sequer era um homem amargurado, que eu simplesmente assustava pardais ao acaso e me divertia com isso. Eu podia espumar de raiva, mas bastava me trazerem uma boneca para brincar, darem-me uma xícara de chá com açúcar, e talvez eu me acalmasse. Talvez até me comovesse de verdade, embora provavelmente depois rangesse os dentes contra mim mesmo e passasse meses acordado à noite, envergonhado. Esse era o meu jeito.

Eu menti quando disse agora há pouco que era um funcionário mau. Menti por maldade. Eu simplesmente me divertia com os petiçãoários e com o oficial, e, na realidade, nunca conseguiria me tornar mau. Eu tinha consciência, a cada momento, dentro de mim, de muitos, muitíssimos elementos absolutamente opostos a isso. Sentia-os positivamente fervilhando em mim, esses elementos opostos. Sabia que haviam fervilhado em mim a vida inteira e ansiavam por sair de mim, mas eu não os deixava, não os deixava, de propósito não os deixava sair. Eles me atormentavam até eu sentir vergonha: levavam-me a convulsões e — enjoavam-me, enfim, como me enjoavam! Agora, por acaso estão imaginando, senhores, que neste momento expresso remorso por alguma coisa, que lhes peço perdão por algo? Tenho certeza de que estão imaginando isso... Contudo, garanto-lhes que não me importa se estão...

Não só eu não conseguia me tornar mau, como nem sequer sabia me tornar qualquer coisa; nem mau, nem bom, nem canalha, nem homem honesto, nem herói, nem inseto. Agora vivo minha vida num canto, consolando-me com a maldade inútil e espirituosa de que um homem inteligente não consegue se tornar nada de sério, e só o tolo se torna alguma coisa. Sim, um homem no século XIX deve e moralmente deve ser, acima de tudo, um ser sem caráter; um homem de caráter, um homem ativo, é, acima de tudo, um ser limitado. Essa é minha convicção de quarenta anos. Agora tenho quarenta anos, e vocês sabem que quarenta anos é uma vida inteira; sabem que é velhice extrema. Viver mais de quarenta anos é de mau gosto, é vulgar, imoral. Quem vive além dos quarenta? Respondam com sinceridade e honestidade. Eu lhes direi quem vive: tolos e canalhas. Digo isso na cara de todos os velhos, todos esses veneráveis anciãos, todos esses cabelos brancos e reverendos senhores! Digo isso na cara do mundo inteiro! Tenho o direito de dizer, pois eu mesmo vou viver até os sessenta. Até os setenta! Até os oitenta!... Esperem, deixem-me respirar...



Vocês imaginam, sem dúvida, senhores, que eu quero diverti-los. Enganam-se nisso também. Não sou de modo algum uma pessoa tão alegre quanto imaginam, ou quanto podem imaginar; no entanto, irritados com todo esse falatório (e sinto que estão irritados), acham conveniente perguntar-me quem eu sou — então minha resposta é: sou assessor colegiado⁴. Estive no serviço para ter o que comer (e unicamente por isso), e no ano passado um parente distante deixou-me seis mil rublos em testamento, retirei-me imediatamente do serviço e me instalei no meu canto. Eu já morava nesse canto antes, mas agora me instalei de vez. Meu quarto é miserável, horrível, nos subúrbios da cidade. Minha criada é uma velha camponesa, mal-humorada por estupidez, e, além disso, sempre há um cheiro ruim nela. Dizem-me que o clima de Petersburgo me faz mal e que, com meus poucos meios, é muito caro viver em Petersburgo. Sei disso tudo melhor do que todos esses sábios e experientes conselheiros e mentores... Mas permaneço em Petersburgo; não saio de Petersburgo! Não saio porque... ah! Porque, no fundo, é absolutamente indiferente se eu saio ou não saio.

Mas de que um homem decente pode falar com mais prazer?

Resposta: De si mesmo.

Pois bem, vou falar de mim mesmo.

4 Assessor colegiado é um cargo civil de oitava classe na Tabela de Patentes do Império Russo, sistema hierárquico criado por Pedro, o Grande, para organizar as carreiras militar, civil e cortesã. Correspondia aproximadamente à patente militar de major e conferia ao funcionário certo prestígio social e, em determinados períodos, direito à nobreza.